

NIUNAMENOS: FEMINISMO, PEDAGOGIAS E POÉTICAS DA RESISTÊNCIA

Adriana Alves da Silva/a¹

Resumo: O presente trabalho apresenta reflexões tecidas em um percurso de pesquisa e criação no campo da pedagogia da infância, tendo como ponto de partida dimensões simbólicas da luta contra o *feminicídio* no contexto da creche. Parte da pesquisa realizada em um estágio de doutorado na Itália em 2012 e da atual experiência docente em uma creche da rede municipal de Florianópolis. Esta complexa trama de vivências inclui ações educativas realizadas em diversos contextos e agências da/na Educação Infantil, incluindo bebês, crianças pequenas, docentes, famílias e pesquisadoras/es. Através de intervenções artísticas em um projeto intitulado "*Contos de fadas em movimento: feminismo, educação e arte*" buscamos promover processos criativos com personagens femininas da literatura clássica ocidental: Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, a pobre órfã dos Sapatinhos Vermelhos, entre outras tendo como estratégia metodológica o uso da literatura dos "contos de fadas/horror" como chave para a problematização das violências que perpassam as relações de gênero e que são narradas há séculos e gerações pelo mundo. A proposta busca desconstruir estereótipos e normatizações de comportamentos entre homens/meninos e mulheres/meninas e visa provocar deslocamentos de sentidos, transformações e criações de novas narrativas, com possibilidades nas entrelinhas das histórias de semear conceitos feministas: de sororidade, empoderamento feminino, princípios políticos emergentes à uma pedagogia descolonizadora emancipadora.

Palavras-chave: creche, poéticas da resistência, feminismo transnacional, literatura clássica.



Era uma vez...

¹ Professora colaboradora na FAED/UDESC e na Educação Infantil da rede municipal de Florianópolis, SC, Brasil.

uma história de dor e de horror, que marcou a presente pesquisadora artista arteira, que em meio ao seu doutorado realizado na Faculdade de Educação da Unicamp, foi passar um ano em um pequeno país europeu, distante e belo, referência histórica no mundo ocidental pelo renascimento que marca a história das artes e da beleza, que há décadas vem nos encantando por sua pedagogia da infância e da maravilha, criada no pós guerra, em meio à dor e o horror, como nostalgia do futuro². Este belo país é pequeno em extensão territorial, porém profundo em resistências, pois trata-se de um território repleto de contradições, entre muitas, a pior e mais perversa para a pesquisadora artista arteira foram os dados alarmantes de violência contra as mulheres e o encontro com o termo, a história e o movimento de luta contra o *feminicídio através do livro Femminicidio. Dalla denuncia sociale al riconoscimento giuridico internazionale*³, de Barbara Spinelli que encontrei na biblioteca delle donne de Bologna.

Preâmbulo posto, o presente texto apresenta fragmentos de uma pesquisa em andamento, iniciada em 2012 em meu estágio de doutorado sanduiche realizado na Università Milano Bicocca em Milão na Itália, aqui apresento um percurso criativo, de práticas docentes no amplo contexto da Educação Infantil, com professoras, famílias e crianças, permeado pelo tripé da ética, estética e da política, ressonâncias de um intenso contexto de cooperação internacional sobre experiências educativas com foco na "Jornada Internacional de Não Violência contra as Mulheres", 'comemorada' no dia 25 de novembro dentro de creches e pré-escolas no Brasil e na Itália, destacando abordagens conceituais feministas e de gênero (Scott, 1995) na formação docente.



²*Nostalgia do futuro* remete-se a Loris Malaguzzi e a pedagogia da infância e da maravilha criada por ele e demais educadores italianos no pós guerra na região de Reggio Emilia no centro norte da Itália. (FARIA E SILVA, 2015)

³ Barbara Spinelli, é uma jovem advogada e parlamentar italiana, ativista feminista, foi com este livro pioneira no contexto europeu na divulgação do termo, segundo a autora, feminicídio é uma categoria de análise sócio-criminológica de discriminação e violência contra as mulheres por fazerem parte do gênero feminino. Em seu livro, relata os alarmantes casos de assassinato de mulheres na Cidade de Juarez na fronteira do México com os Estados Unidos, que vem se destacando pelas denúncias e lutas contra o feminicídio se tornando um marco mundial. No Brasil foi aprovado em 2015, pela presidenta Dilma Rousseff, a lei 13.104 que altera o código penal para prever o feminicídio como um tipo de homicídio qualificado e inclui-lo no rol dos crimes hediondos.

NIM 13º MUNDOS DE MULHERES & FAZENDO GÊNERO 11

TRANSFORMAÇÕES, CONEXÕES, DESLOCAMENTOS



Figura 1 – Montagem de imagens: Banco de uma creche municipal na cidade de Bologna, Itália, no dia 25/11/2016 indicação da intervenção artística do percurso com os sapatinhos vermelhos simbolizando a luta contra a violência contra as mulheres – inspiradas e motivadas pela intervenção política da artista plástica Elina Chauvet na cidade de Juarez no México, onde milhares de sapatos vermelhos encheram a praça da cidade e os olhos do mundo para os altos índices de violência contra as mulheres.



Figura 2 – Montagem imagens: Nido d'Infanzia San Donato, Bologna, Itália

Cabe salientar que na perspectiva feminista a creche é compreendida como locus privilegiado na construção de práticas de educação e cuidado descolonizadoras, embasadas em pedagogias emancipatórias onde a criança pequena em sua centralidade, as mulheres em sua maioria – docentes e educadoras, são sujeitos no combate a múltiplas formas de opressão, violência e discriminação, evidenciando que trata-se um espaço e tempo fundamental na vida contemporânea de muitas mulheres permeado de contradições e possibilidades.

No clássico livro *Educar para a submissão*, da italiana Elena GianiniBelotti (1975), traz uma importante contribuição para se colocar em questão as relações de gênero na pequena infância, reassaltando as observações desde os primeiros anos da criança, analisando o comportamento dos adultos a seu respeito, as relações que estabelecem com as crianças nas diversas idades, o tipo de exigências que lhes são feitas e a maneira como lhes apresentam, as expectativas que envolvem o fato de pertencer a um sexo e não a outro.

As tensões entre corpo e infância aparecem na maneira como os corpos de meninas e meninos são socialmente classificados e hierarquizados, determinando papéis sociais e estabelecendo relações de poder, desde bebês. O que podemos facilmente inferir é que se trata de um processo de socialização de gênero, que possibilita experiências corporais marcadas por uma relação desigual, marcadas em muitas vezes perversa condição de ‘ser/estar’ menina e de menino. No corpo da menina e no corpo do menino inscrevem-se formas diferentes de perceber, de movimentar-se; formas diferentes e geralmente opostas de comportar-se, de expressar-se, de preferir (Becchi, 2003).

A experiência de vivenciar uma jornada de luta contra a violência no contexto de creche, foi em 2016 em uma creche pública da rede municipal de Florianópolis, inspirada pela creche de Bologna que há alguns anos vem realizando atividades relacionadas ao 25 de novembro, que foi declarado *Dia Internacional da Não-Violência contra a Mulher*, no Primeiro Encontro Feminista da América Latina e Caribe realizado na cidade de Bogotá em 1981, como justa homenagem a “Las Mariposas”, codinome utilizado em atividades clandestinas pelas irmãs Mirabal, heroínas da República Dominicana brutalmente assassinadas em 25 de novembro de 1960. Minerva, Pátria e Maria Tereza ousaram se opor à ditadura de Rafael Leônidas Trujillo, uma das mais violentas da América Latina.



Figura 3 – Irmãs Mirabal “Las Mariposas”



Figura 4 - Cartazes 25 de novembro em creche: Brasil e Itália – por um feminismo transnacional

Cabe destacar que no caso brasileiro, a história da luta feminista por creche, conforme afirma Teles (1999) também foi permeada por uma educação para transgressão e subversão de ranços assistencialistas, com um movimento das mulheres de periferia repleto de processos criativos, como a utilização de paródias às cantigas de roda “*Eu fui à Prefeitura, buscar creche, não achei, achei tanta promessa, quase que eu desanimei. Olhe, seu prefeito, eu sou uma criança, mas sei meus direitos. O meu pai trabalha duro, o dinheiro nunca dá, eu preciso de uma creche para mamãe ir trabalhar*” (paródia da cantiga de roda “Eu fui no Itororó”) (p. 105).

Contos de ‘fadas’ em movimento: transgressão, feminismo e educação

No prefácio da preciosa coletânea de contos feministas do folclore mundial (2016), publicada originalmente nos anos 1970 na Inglaterra, Gayle Forman⁴ salienta que “*As histórias são importantes. Elas estão entre as primeiras coisas que escutamos. Era uma vez, a mãe e o pai sussurra para o bebe. E uma história começa.*” (p. 09) E segundo a autora são importantes pelas realidades que refletem e as aspirações que iluminam, entre meninos e meninas do mundo todo, uma vez que as histórias, em especial os contos de fadas e folclóricos, extraídos das

⁴Gayle Forman é uma escritora, romancista, feminista norte americana. Autora de sucessos editoriais e ativista.

culturastradicionais e populares que vem nos constituindo, narrativas complexas que são transmitidas de geração em geração.

No livro ‘Chapeuzinho Esfarrapado e outros contos feministas do folclore mundial’, a organizadora destaca que contos de fadas e contos folclóricos historicamente caminharam juntos, em alguns contextos são considerados sinônimos, mas que no caso da opção pela nomenclatura de contos folclóricos mundiais, a escolha se deve politicamente pelo movimento estético de enfatizar as culturas populares e também já destacar nas entrelinhas um protagonismo ‘outro’ das mulheres, meninas ativas e corajosas heroínas que nem sempre estão atreladas aos elementos sobrenaturais que constituem os contos de fadas, na maioria dos contos reunidos, temos narrativas de superação existencial, permeado pela astúcia e resiliência feminina, constituída não essencialmente, mas sim no âmbito da cultura e da história na experiência com a criação e manutenção da vida.

Porém cabe salientar que os contos de fadas mais conhecidos e revisitados são os de origem europeia que foram distribuídos pela cultura letrada e impressa, muitas vezes se apresentam como contos de horror, marcados por agressões e violências especialmente sobre as crianças e mulheres, como em Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve entre outros. Na maioria destas narrativas os heróis são homens e as meninas e mulheres são subservientes e sem agência sobre seus próprios destinos. Transgredir estas narrativas tem sido um movimento importante da contra cultura, que vem nos últimos anos buscando desconstruir estereótipos de gênero.

A partir da minha experiência com o 25 de novembro, viajando pela Itália e me reportando diretamente a história latino-americana, uma vez que a data tem em sua origem uma homenagem póstuma e simbólica as irmãs assassinadas na República Dominicana -*Las mariposase* como símbolo poéticoos sapatos rojos mexicanos, associei no meu intuito de fazer algo no Brasil, no meu contexto da educação infantil permeado pelas narrativas clássicas a história dos sapatinhos vermelhos, buscando criar possibilidades de uma práxis pedagógica feminista, transgressora de reinterpretação narrativa junto com as crianças.

O conto *Sapatinhos Vermelhos*, publicada por Hans Crithian Andersen em meados do século XIX, relata a trágica história de uma pobre órfã que perde seus pés por conta da sua cobiça por reluzentes sapatos vermelhos de baile. Na minha interpretação a narrativa é repleta de simbolismos misóginos, de controle do corpo e moralismo religioso, reflexo da época e contexto de sua criação e/ou vinculação. Segundo Katia Candon (2014), Hans Christian Andersen é, considerado o primeiro escritor *moderno* de contos de fadas porque utilizou tradição de contos populares – narrativas ligadas ao povo nórdico, que foram adaptadas por ele – mas, em sua maioria,

criou textos inéditos, que brotavam de sua própria experiência, marcada pela miséria na infância e adolescência.

Porém na minha leitura trata-se de uma narrativa perversa de horror, que resiste e insiste, nas marcas simbólicas pelo mundo de sapatos vermelhos que apontam a cada ano o crescente número de mulheres desaparecidas, assassinadas por serem mulheres.

Nesta perspectiva, em interlocução com a gestão e colegas professoras no interior da creche e fora dela no contexto acadêmico de pesquisa, iniciei a elaboração de um projeto intitulado: *NIUNAMENOS⁵: relações de gênero, poéticas da resistência e políticas de desconstrução das violências* que tem como intencionalidade pedagógica promover ações educativas através de intervenções artísticas – em diversas linguagens, mas, sobretudo tendo como eixo central a literatura dos contos de fadas (que se configuram como clássicos mundiais e podem ser conectados com uma perspectiva de feminismo transnacional) como chave para a problematização das violências que perpassam as relações de gênero, buscando desconstruir estereótipos e normatizações de comportamentos entre homens/meninos e mulheres/meninas. As ações previstas perpassam diversas e importantes frentes da Educação Básica: da creche à universidade – com foco nas crianças/adolescentes à estudantes do curso de pedagogia, visando promover uma práxis na área de formação de professoras/es através de contação de histórias, dramatizações, leituras literárias e exibições de filmes.

Também tinha como objetivo inicial a documentação do processo de trabalho coletivo do projeto visando a posterior edição de um vídeo documentário para o Fazendo Gênero 2017. Assim como a escrita de relatos de experiência para o COEB (Congresso de Educação Básica da rede municipal de Florianópolis) e fomentar reflexões na perspectiva da pesquisa e criação no âmbito do projeto de pesquisa e cooperação científica internacional “*Instituições educativas para crianças de zero a dez anos: interlocução de pesquisa entre Brasil e Itália*”, que envolve universidades brasileiras e a Università degli Studi di Milano-Bicocca da Itália.

A escolha desta temática foi justificada entre meus pares por vivenciarmos em nosso cotidiano expressões constantes de violências de toda ordem: tanto no espaço externo como no interno da creche, sobretudo nas relações interpessoais e busca inserir um projeto piloto integrado no nosso campo de atuação político pedagógico com ações concretas de sensibilização a temática e educação preventiva no combate as violências de gêneros, cabe salientar que também responde

⁵ NIUNAMENOS, faz referência ao movimento de luta na Argentina contra o feminicídio brutal da Argentina Lucía Pérez, 16 anos, que em Outubro de 2016 mobilizou manifestações de mulheres em diferentes países pelo mundo.

especialmente na emergência no aumento da violência contra as mulheres e crianças que observamos com frequência em nossos cotidianos na creche.

Alguns conceitos chave permearam as atividades pedagógicas de integração entre os grupos, em especial o de *sororidade* com a intenção de desconstruir os ‘projetos’ de princesas, assim como trabalhar as relações entre as mulheres na creche. Em especial destacamos no projeto *Os sapatinhos vermelhos*, que tem como tema conceito chave: *resistência e o direito ao movimento feminino* – símbolo mundial na luta contra a violência que ainda abate e apavora as mulheres e as meninas em todo o mundo.

No 25 de novembro de 2016, realizei uma contação de história na creche, com a história *Os sapatinhos vermelhos* como tema e contexto, inspirada na versão de Andersen, envolvendo todos os grupos, dos bebês as crianças pequenas e suas respectivas professoras e professores. Após a audição foi solicitado para as professoras e crianças para se apropriarem de sapatos vermelhos de brinquedo e no contexto da brincadeira, instigando o grupo a inventarem outros finais para substituir o trágico desfecho da personagem.



Figura 5 - Imagens do 25 de novembro de 2016, com os Sapatinhos Vermelhos em uma creche da rede municipal de Florianópolis.

Em geral, as crianças, sobretudo as maiores, manifestaram o desejo de se apropriarem dos sapatos vermelhos como um objeto mágico de transcendência da violência sofrida pela pobre órfã, assim como relatavam na minha passagem pelos grupos acompanhando a confecção de novos sapatos, diversas possibilidades de reinventarem desfechos que subvertem a lógica de vitimização da personagem, empoderando-a para outros destinos e caminhos possíveis.

Por uma pedagogia da infância feminista

Na história da pedagogia houve uma descoberta tardia das relações de gênero que permeiam os processos educativos das crianças, bem como os processos de formação de professores e professoras (Rosemberg, 1996). É inevitável ressaltar o silenciamento da área com a questão feminina que emerge com os movimentos sociais, apontando para os desafios e contradições contemporâneos de uma pedagogia das diferenças comprometida com a emancipação humana. Conscientes das desigualdades históricas, busco na minha práxis docente evitar a manutenção dos binarismos e a manutenção de relações de poder desiguais, tendo a creche como este locus privilegiado de uma pedagogia descolonizadora (Finco, Faria e Gobbi, 2015).

Nesta direção as chaves deste processo de construção de uma pedagogia feminista, permeada por poéticas da resistência comprometidas com a emancipação humana, está no movimento criativo de articular pedagogia, formação e a experiência estética, com um percurso formativo que envolve os estudos de gênero, perspectivas feministas e a educação, destacandoos processos criativos que suscitam a tomada de consciência de gênero das mulheres nos seus processos formativos (Silva, 2015), apontando as complexidades que permeiam os processos de socialização que condicionam e buscam determinar os papéis sociais de homens e das mulheres, porém com ênfase nestas que majoritariamente são responsáveis históricas pela educação e cuidados na infância.

Construir um olhar feminista transnacional para os direitos das crianças, com a perspectiva manifesta de educar crianças feministas (Adichie, 2017), trazendo, sobretudo, a creche e a pré-escola como locus histórico de luta feminista, visando outras práticas educativas para as crianças pequenas, bem como fomentando pesquisas e novas teorias, em busca de práxis emancipatória e descolonizadora, através de poéticas da resistência para a formação docente. Fazer interlocuções entre as ciências sociais, os movimentos sociais ea arte como possibilidades para contribuir com o

grande desafio de construir coletivamente poéticas da resistência na formação docente para atuar na educação da infância. Buscar conteúdos em diversas linguagens que articulam a revisão de conceitos que foram construídos historicamente, mas perversamente cristalizados e invisibilizados, e que precisam ser repensados e revistados. Abordando a indissociabilidade entre a educação e o cuidado; enfatizando práticas educativas para emancipação das relações de gênero; com processos de construção de identidade docente considerando a identidade de gênero na formação docente; a relação com a família, seus arranjos e suas diversidades, e as linguagens infantis e as culturas infantis afim de coletivamente darmos um basta junt@s contra as violências de gênero.



Figura 6. Símbolos e personagens atuais da luta transnacional contra o feminicídio.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda N. *Para educar crianças feministas: um manifesto*. São Paulo: Cia das Letras, 2017.
- BECCHI, Egle. (2003) Ser menina ontem e hoje: notas para uma pré-história do feminino. *Proposições*, Dossiê: Educação Infantil e gênero, v. 14, n. 3, (42), p. 41-52.
- BELOTTI, Elena. (1975) *Educar para a submissão*. Petrópolis: Vozes.
- CANDON, Katia. *Minimaginário de Anderson*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2014.
- FARIA, Ana Lúcia G. e SILVA, Adriana A. (2013). Por uma nova cultura da infância: LorisMalaguzzi. *Revista Educação Especial*, v. X, p. 98-111.
- FINCO, Daniela; GOBBI, Marcia A. e FARIA, Ana Lúcia. *Creche e Feminismo: desafios atuais para uma educação descolonizadora*. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica; Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Fundação Carlos Chagas – FCC, 2015.
- PHELPS, Ethel. J. (Org.) *Chapeuzinho Esfarrapado e outros contos feministas do folclore mundial*. São Paulo: Seguinte, 2016.
- TELES, Maria Amélia. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- ROSEMBERG, Fúlvia. (1996). Teorias de gênero e subordinação de idade: um ensaio. *Proposições*, v. 7, n. 3 [21], p. 17-23, nov.
- SILVA, Adriana A. *A Poética do Cotidiano com Clarice Lispector: emergindo imagens*. 2008. Dissertação (Mestrado em Multimeios: Cinema e Vídeo) - Universidade Estadual de Campinas (Instituto de Artes, UNICAMP), Campinas.
- SCOTT, Joan Wallach. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.20, n.2, jul./dez. p. 71-99.
- SPINELLI, Barbara. *Femminicidio*. Dalla denuncia sociale al riconoscimento giuridico internazionale, Franco Angeli, 2008.

Niumamenos: feminism, pedagogies and resistance poetics

Abstract: The present work presents reflections woven in a research and creation course in the field of childhood pedagogy, starting from the symbolic dimensions of the fight against femicide in the context of day care. Part of the research carried out in a PhD in Italy in 2012 and the current teaching experience in a nursery school of the municipal network of Florianópolis. This complex of experiences includes educational actions carried out in various contexts and agencies of the Infant Education, including infants, young children, teachers, families and researchers. Through artistic interventions in a project titled "Fairy Tales in Motion: Feminism, Education and Art, we seek to promote creative processes with female characters from Western classical literature: Cinderella, Little Red Riding Hood, the poor orphan of the Red Shoe, among others having as a methodological strategy The use of the "fairy tales / horror" literature as a key to the problematization of violence that pervades gender relations and which has been narrated for centuries and generations throughout the world. The proposal seeks to deconstruct stereotypes and norms of behavior between men / boys and Women / girls and aims to provoke displacements of meanings, transformations and creations of new narratives, with possibilities in the lines of the stories of sowing feminist concepts: from sorority, feminine empowerment, emerging political principles to a decolonizing emancipatory pedagogy.

Keywords: day care, poetics of resistance, transnational feminism, classical literature.